

DIÁLOGO: Implicações da experiência bilíngue para a cognição e a literacia



Todos concordam que conhecer outras línguas, além da nossa língua materna, abre portas para que possamos nos comunicar com pessoas de outras culturas e ter mais oportunidades de aprendizado. Mas o que está por trás desse complexo mecanismo que nos habilita a adquirir e usar mais de uma língua em nosso cotidiano? Em que medida ser capaz de falar mais de uma língua afeta nossa mente e nosso cérebro? Como a experiência de dominar mais de uma língua impacta o desenvolvimento da alfabetização e da literacia em crianças que estudam em escolas bilíngues?

Essas são algumas das perguntas que eu e a pesquisadora americana Judith Kroll, da Universidade da Califórnia, Irvine, tentamos responder no evento “Diálogos entre Ciência e Educação” da Cátedra UNESCO de Ciência para Educação no Brasil, que

ocorreu em 23 de março de 2023 na sede do Instituto D'Or de Pesquisa e Ensino (IDOR), no Rio de Janeiro.

Embora a maior parte da população mundial seja capaz de se comunicar em mais de uma língua, os estudos sobre os efeitos cognitivos do bilinguismo são, em geral, bastante escassos e recentes. Além disso, há muita apreensão por parte da comunidade educacional sobre os efeitos que uma experiência de uso de mais de uma língua pode trazer para crianças que se encontram em idade escolar, tanto no Brasil como em outros países. Apesar disso, o que as pesquisas mostram, de fato, é que a aprendizagem e uso de mais de uma língua, em qualquer idade, modifica positivamente a cognição e traz consequências positivas importantes para o indivíduo.

Em termos de uso da linguagem, sabe-se hoje que as duas (ou mais) línguas que habitam a mente dos indivíduos bilíngues estão sempre ativas e em interação, o que gera uma constante “competição” entre elas. Mesmo em contextos de comunicação completamente monolíngues, que demandam que o indivíduo faça uso de somente uma de suas línguas, essa dinâmica de interação permanece e as duas línguas sofrem influência uma da outra todo o tempo. Em outras palavras, os bilíngues nunca “desligam” uma de suas línguas. Isso faz com que não somente a língua adicional esteja sempre sendo influenciada pela língua materna, como a língua materna seja afetada pelas outras línguas que possamos vir a ter em nosso repertório.

"A aprendizagem e uso de mais de uma língua, em qualquer idade, modifica positivamente a cognição e traz consequências positivas importantes para o indivíduo"



Estudos revelam que nossa língua materna está sempre aberta a modificações e influências decorrentes do desenvolvimento de uma língua adicional, desde os primeiros momentos do aprendizado, independentemente do nível de proficiência na língua adicional ou da idade inicial de aquisição. A dinâmica dessa interação interlinguística, entretanto, varia conforme as experiências vividas pelo indivíduo, ou seja, vai ser determinada por uma série de fatores, como a forma como a pessoa aprende e usa suas línguas, com quem interage e com que frequência, se a escolarização recebida acontece em uma ou mais

línguas, entre outros. Obviamente, a quantidade e a qualidade das interações comunicativas a que o indivíduo é exposto variam enormemente e é justamente essa variabilidade que torna o bilinguismo uma experiência tão rica, diversa e interessante.

A partir dessas evidências científicas e levando-se em consideração a realidade de ampliação acelerada do número de escolas bilíngues no Brasil, torna-se importante considerar os efeitos que uma experiência bilíngue acarreta para o desenvolvimento da leitura e escrita em crianças em fase de alfabetização e literacia. As dúvidas e perguntas que pais e educadores possuem sobre alfabetização bilíngue, apesar de recorrentes, não são triviais, pois percebe-se uma insegurança sobre quais metodologias são mais apropriadas para auxiliar as crianças nesse processo.

No livro 'Alfabetização em contextos monolíngue e bilíngue', meu colega Ubiratã Alves e eu propomos uma reflexão a respeito do desenvolvimento das habilidades de leitura pelas crianças, considerando tanto situações em que esse processo ocorre na língua materna, quanto nos casos em que há duas línguas envolvidas. Na obra, defendemos ser fundamental reconhecer que o desenvolvimento da biliteracia é caracterizado pela coativação de processos linguísticos e cognitivos. Em outras palavras, todo o conhecimento linguístico da criança será ativado durante o processo de desenvolvimento da leitura, em qualquer língua, mesmo que, por razões pedagógicas ou até mesmo políticas, a criança receba instrução em apenas uma de suas línguas.

Assim, os conhecimentos e habilidades relacionados à leitura, que são desenvolvidos a partir da exposição e uso da língua adicional, irão contribuir para o desenvolvimento de habilidades relacionadas na língua materna. Da mesma forma, as práticas de biliteracia que acontecem na língua materna também influenciam o desenvolvimento da língua adicional da criança, uma vez que essas influências são bidirecionais. Nesse sentido, reconhece-se que a separação entre as línguas da criança, que muitas vezes é promovida na escola, por exemplo, quando a língua adicional é ensinada somente no turno inverso, ou quando o professor afirma que a criança precisa “esquecer a língua indígena para se alfabetizar com competência em português”, é completamente arbitrária e irreal. A coativação das duas línguas acontece automaticamente na mente da criança, independentemente de qualquer expectativa ou interferência externa feita pelo professor.

Podemos afirmar que, durante toda a vida, o processamento da linguagem em indivíduos bilíngues refletirá essa dinâmica de interação das suas línguas. Por essa razão, é possível contribuir para o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita em uma língua – seja ela a língua materna ou a língua adicional – a partir de atividades desenvolvidas na outra. Nesse sentido, as práticas pedagógicas direcionadas a crianças bilíngues ou que se encontram imersas em contextos de escolarização bilíngue devem sempre considerar a experiência linguística real das crianças, priorizando intervenções voltadas para o desenvolvimento da leitura e escrita a partir do que os alunos já sabem e são capazes de fazer em suas línguas, ao invés de tentar negar a existência de parte de seu repertório linguístico.